



A SAGA DOS DIADEMAS PERDIDOS: UMA HISTÓRIA DE USURPAÇÃO, SOFRIMENTO E RECONQUISTA

THE SAGA OF THE LOST DIADEMS: A STORY OF USURPATION, SUFFERING AND RECONQUEST

LA SAGA DE LAS DIADEMAS PERDIDAS: UNA HISTORIA DE USURPACIÓN, SUFRIMIENTO Y RECONQUISTA

Vinícius Mendes de Oliveira¹

e514639

<https://doi.org/10.47820/recima21.v5i1.4639>

PUBLICADO: 01/2024

RESUMO

O presente artigo, de caráter ensaístico, tem como objetivo apresentar uma abordagem narrativa para o livro do Apocalipse, que, em geral, tem sido estudado de uma perspectiva mais temática. No texto, a partir das referências aos termos “diadema” e “coroa” interpreta-se o enredo do livro bíblico com foco na guerra milenar entre o dragão e o Filho prometido (Gn 3; Ap 12). A história começa com a usurpação de um reino por um dragão maligno e segue a jornada de uma mulher grávida, que representa a promessa de um libertador. O enredo se desdobra através de interpretações das figuras apocalípticas do dragão, da besta do mar e da terra, representando diferentes aspectos da opressão ao longo da história. A saga culmina com a reconquista dos diademas por um príncipe redentor, simbolizando o triunfo do bem, a restauração da justiça e a esperança de redenção, enfatizando a importância do juízo e antecipando a vitória final do bem e a união eterna entre Cristo e a igreja.

PALAVRAS-CHAVE: Apocalipse. Gênesis. Narrativa.

ABSTRACT

This article, of an essayistic nature, aims to present a narrative approach to the book of Revelation, which has generally been studied from a more thematic perspective. In the text, based on the references to the terms "diadem" and "crown", the plot of the biblical book is interpreted with a focus on the millennial war between the dragon and the promised Son (Gn 3; Ap 12). The story begins with the usurpation of a kingdom by a malignant dragon and follows the journey of a pregnant woman, who represents the promise of a liberator. The plot unfolds through interpretations of the apocalyptic figures of the dragon, the beast of the sea and the earth, representing different aspects of oppression throughout history. The saga culminates with the reconquest of the diadems by a redeeming prince, symbolizing the triumph of good, the restoration of justice, and the hope of redemption, emphasizing the importance of the investigative judgment and anticipating the final victory of good and the eternal union between Christ and the church.

KEYWORDS: Revelation. Genesis. Narrative.

RESUMEN

Este artículo, de carácter ensayístico, pretende presentar una aproximación narrativa al libro del Apocalipsis, que, en general, ha sido estudiado desde una perspectiva más temática. En el texto, a partir de las referencias a los términos "diadema" y "corona", la trama del libro bíblico se interpreta con un enfoque en la guerra milenaria entre el dragón y el Hijo prometido (Gn 3; Apocalipsis 12). La historia comienza con la usurpación de un reino por parte de un dragón malvado y sigue el viaje de una mujer embarazada, que representa la promesa de un libertador. La trama se desarrolla a través de interpretaciones de las figuras apocalípticas del dragón, la bestia del mar y la tierra, representando diferentes aspectos de la opresión a lo largo de la historia. La saga culmina con la reconquista de las diademas por parte de un príncipe redentor, simbolizando el triunfo del bien, la restauración de la

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A SAGA DOS DIADEMAS PERDIDOS: UMA HISTÓRIA DE USURPAÇÃO, SOFRIMENTO E RECONQUISTA
Vinicius Mendes de Oliveira

justicia y la esperanza de la redención, enfatizando la importancia del juicio y anticipando la victoria final del bien y la unión eterna entre Cristo y la iglesia.

PALABRAS CLAVE: Apocalipsis. Génesis. Narrativa.

INTRODUÇÃO

Como toda boa história, esta começa feliz. Um lindo casal real vive em um palácio-jardim doado pelo poderoso Suserano universal. Tudo está muito bem em seu território até que são invadidos por um misterioso inimigo. Mesmo avisada, a rainha acredita na mentira da grande serpente alada. Consciente do que estava fazendo, o monarca entrega o reino para o dragão na tentativa de salvar a vida da esposa amada.

O usurpador ostenta os diademas roubados e passa a ser reconhecido como o príncipe do mundo. Ele odeia a mulher e a persegue, pois conhece a promessa do Rei do Universo. O Suserano prometera a ela um Filho varão que reconquistaria os diademas. Essa promessa forjou uma linhagem de heróis, guardiões da gravidez milenar que daria ao mundo o Libertador. O dragão sabe que tem pouco tempo; por isso espreita a mulher que tem no ventre a Semente da esperança. O monstro quer devorar o Filho e manter em seu reino tirânico a posse dos diademas reais.

No estudo das profecias apocalípticas, os detalhes são fundamentais. É preciso prestar muita atenção a eles, pois podem revelar nuances importantes na interpretação. Para quem gosta de estudar o Apocalipse, um detalhe não tem passado despercebido: Por que o dragão (Ap 12) tem diademas em suas cabeças, a besta do mar os usa nos chifres (Ap 13) e a besta escarlate aparece sem essas coroas (Ap 17)? Seria esse detalhe revelador de algum ponto importante na narrativa?

A palavra grega traduzida como “diademas” é *diademata*. Essa expressão só ocorre três vezes no Novo Testamento, todas elas no Apocalipse (12:3; 13:1; 19:12). Esse termo tem significado diferente da expressão *stephanos*, também traduzida em português como “coroa”. Essa palavra ocorre diversas vezes no Apocalipse para se referir ao reconhecimento de uma conquista. *Stephanos* não designa a coroa real, mas, sim, a coroa da vitória, uma guirlanda de folhas ou flores. Em nossos dias, poderia ser representado por uma medalha olímpica, por exemplo. “Diadema”, por sua vez, se trata de uma coroa real, que indica autoridade e poder.

Essa diferença de significado é importante porque, nas coroas do dragão (12) e da besta do mar (13), a palavra utilizada é *diademata*. Esse uso indica que os diademas representam a autoridade do dragão e dos chifres. A mulher pura de Apocalipse 12 é descrita com uma coroa de estrelas, mas o termo em grego é *stephanos*. A escolha dessa palavra para descrever o ornamento da cabeça da mulher representa a dignidade vitoriosa da igreja, mas não se relaciona com o conceito de autoridade real e domínio estatal, que obviamente nunca foram a realidade da verdadeira igreja.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A SAGA DOS DIADEMAS PERDIDOS: UMA HISTÓRIA DE USURPAÇÃO, SOFRIMENTO E RECONQUISTA
Vinicius Mendes de Oliveira

CABEÇAS COROADAS

Em perseguição a uma nobre mulher grávida, aparece um terrível animal: o dragão. A descrição dessa besta é aterrorizante: “Viu-se, também, outro sinal no céu, e eis um dragão grande, vermelho, com sete cabeças, dez chifres e, *nas cabeças, sete diademas [diadematas]*” (Ap 12:3, itálico acrescentado). O Apocalipse é preciso em identificar quem é o dragão: é a antiga serpente, o diabo (12:9).

O uso da imagem de uma mulher grávida, sendo perseguida por uma grande serpente alada, remete de maneira direta a Gênesis 3. Na queda, Eva, com anuência de Adão, entregou o domínio do mundo à serpente. Porém, a intervenção divina com a apresentação profética do protoevangelho proveu esperança para o primeiro casal (Gn 3:15).

A promessa de que o Filho deles esmagaria a cabeça da serpente, em resumo, significou que o domínio do mundo (os diademas) seria reconquistado. Assim Adão e Eva permaneceram juntos e estabeleceram uma linhagem messiânica por meio de Sete. A gravidez da mulher vestida de sol (Ap 12:1) aponta para a esperança de que a Semente plantada em Gênesis 3:15 germinaria em algum momento da história.

Sabendo disso, o dragão, a antiga serpente, se colocou a postos na frente da mulher “a fim de lhe devorar o Filho quando nascesse” (Ap 12:4). A atitude satânica revela seu desejo de não perder o domínio do mundo, ou seja, não entregar os diademas que havia usurpado. Ele não consegue destruir o Filho, pois Ele “foi arrebatado até ao Seu trono” (v. 5).

O texto de Apocalipse 12 se concentra então no auge da perseguição do dragão (v. 13). Do ponto de vista histórico, o período de atuação direta do dragão contra a mulher equivale à perseguição que Roma Imperial imprimiu contra a igreja. Assim, parece haver uma associação total entre a atividade imperial de Roma e a atuação de Satanás. A opressão imperial romana contra o povo de Deus foi presidida pelo inimigo.

O fato de os diademas estarem posicionados exatamente nas cabeças do dragão indica que a autoridade estava no próprio animal, que a usou em favor de seus interesses malignos. Isso significa que o poder opressor do Império Romano era fundamentado em sua própria estrutura governamental. Assim, o dragão, como representante de Roma pagã, é uma besta de natureza política. A perseguição dos imperadores contra a igreja cristã foi, nesse sentido, laica e motivada por valores de natureza estatal.

Porém, a opressão direta do dragão não duraria para sempre. Como a mulher foi protegida em um deserto, o dragão resolve mudar os planos e pedir reforços malignos. O texto nos diz que ele “se pôs em pé sobre a areia do mar” (Ap 12:17), convocando um aliado, que emerge das profundezas do oceano.

CHIFRES PODEROSOS

Em Apocalipse 13:1 a 10, somos apresentados a uma nova fera, aliada do dragão: a besta do mar. Esse animal híbrido tem semelhanças e diferenças com o anterior. É descrito tendo também



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A SAGA DOS DIADEMAS PERDIDOS: UMA HISTÓRIA DE USURPAÇÃO, SOFRIMENTO E RECONQUISTA
Vinicius Mendes de Oliveira

sete cabeças e dez chifres, mas seu corpo é um amálgama das bestas de Daniel 7. Recebe destaque na descrição do monstro seu aspecto de leopardo, que faz uma referência ao Império Grego.

É interessante notar que os diademas da besta do mar estão localizados nos chifres (Ap 13:1), e não nas cabeças, como no dragão (12:3). O que isso significa? Ornamentados pelas coroas, os dez chifres representam os povos embrionários, nos quais se dividiu o poder exercido por Roma Imperial (ver Dn 2:41-44; 7:24).

O fato de os diademas estarem posicionados nos chifres sugere que a autoridade política que sustenta a perseguição está nos chifres e não na besta. Na dissolução do poder imperial de Roma pagã, surge uma entidade de natureza religiosa e pseudocristã (Ap 13:10). Representado pela besta do mar, o papado inaugura o período de 42 meses proféticos de sofrimento para a igreja verdadeira, durante a Idade Média (v. 5).

A posição dos diademas nos chifres da besta do mar revela que o dragão coroou com autoridade perseguidora os reinos que se formaram a partir da dissolução do Império Romano. Esses povos legitimaram a ideologia religiosa medieval e rechaçaram violentamente quem quer que não a aceitasse. As nações europeias sustentaram a sanha perseguidora medieval contra a igreja verdadeira, que fugiu para o deserto em busca de refúgio.

Tentando impedir esse desfecho, no fim do tempo do fim, o dragão convoca um novo ajudante infernal. Em busca de refúgio, a mulher fugiu para o deserto. Em Apocalipse 12:16, somos informados que a terra a socorreu, engolindo o rio que o dragão tinha arrojado de sua boca. Estranhamente, dessa terra brotou o outro aliado do dragão na perseguição contra a mulher. A água da serpente fertilizou uma nova opressão contra a igreja.

Como uma planta desértica, brota da terra uma besta com dois chifres (sem diademas), parecendo cordeiro (*arnio*), mas falando como dragão. Cordeiro e dragão são o Protagonista e o antagonista do Apocalipse. Ao misturar as características de ambos, essa fera revela seu aspecto sedutor e mentiroso, evidenciando sua associação com a grande serpente sagaz.

Algum tempo depois dessa perseguição da besta do mar energizada pela besta da terra, o juízo terminará no Céu. E o veredicto será: a besta do mar e seus associados são culpados. Um decreto de morte será expedido contra essa besta, que paradoxalmente acredita ainda ter autoridade para perseguir o povo de Deus.

Mesmo assim, em uma ilusão megalomaniaca, o conluio besta do mar e da terra sustentam um decreto de morte para quem não se encurva diante da imagem nem recebe sua marca (Ap 13:15-17). Com o fim do juízo, o decreto de morte se volta para as forças do mal. Isso indica que os diademas não estão mais na posse do dragão e seus aliados.

Com o fim do juízo, as pragas começarão a cair. Esses flagelos serão a execução da sentença de Deus contra os inimigos de Seu povo. Para deixar bem claras as coisas, a quinta taça será derramada sobre o trono da besta (Ap 15:10). Esse flagelo desmoralizará a besta do mar, evidenciando sua perda de autoridade e ilegitimidade para liderar o planeta. A casa caiu para a



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A SAGA DOS DIADEMAS PERDIDOS: UMA HISTÓRIA DE USURPAÇÃO, SOFRIMENTO E RECONQUISTA
Vinicius Mendes de Oliveira

Babilônia (Ap 18:2)! Os diademas não embelezam mais os chifres da besta do mar. É nesse contexto que um novo poder entrará em cena contra o povo de Deus.

UMA FERA TERRÍVEL, MAS SEM DIADEMAS

Existem muitas semelhanças entre a besta escarlate de Apocalipse 17 e o dragão do capítulo 12. Ambos são vermelhos, têm sete cabeças e dez chifres. Agem em um deserto e perseguem uma mulher pura (Ap 12:1-6; 13-17; Ap 19:7, 8). Na sua empreitada contra a igreja no tempo do fim, a besta escarlate associa-se a uma meretriz, outro símbolo para a coalizão religiosa encabeçada pela Babilônia nos eventos finais.

Enquanto o dragão do capítulo 12 age sozinho em sua perseguição à mulher vestida de sol, no capítulo 17 a besta escarlate sustenta a Babilônia, outro símbolo apocalíptico para a besta do mar, representada aqui pela meretriz. Mas um detalhe importantíssimo não pode escapar à nossa atenção: a besta escarlate e a meretriz não ostentam diademas na cabeça.

Na sequência da narrativa, algo inesperado acontece. Após o derramamento da quinta praga no trono da besta (Ap 15:10, 11), o pacto entre a besta escarlate e a meretriz é rompido de modo unilateral. O oitavo rei, que é a própria besta escarlate, trai sua consorte, a meretriz, e se alia aos dez chifres (Ap 17:11-18).

A meretriz é identificada como “BABILÔNIA, A GRANDE, A MÃE DAS MERETRIZES E DAS ABOMINAÇÕES DA TERRA” (Ap 17:5). No tempo do fim, ela é retratada assentada sobre uma besta escarlate com sete cabeças e dez chifres. A fera sustenta a fúria perseguidora da meretriz, que representa a religião espúria. A besta escarlate representa o poder diabólico que fomentou ao longo dos séculos a opressão contra o povo de Deus.

Cada cabeça desse animal aponta para um agente imperial comissionado pelo diabo para oprimir a noiva do Cordeiro. Nos eventos finais, a besta escarlate parece reunir toda a força maligna que empregou ao longo dos milênios na figura do oitavo rei (Ap 17:11). O objetivo é dar o golpe fatal contra o povo de Deus e assim reaver os diademas que a meretriz perdeu por conta do juízo celestial.

É nesse contexto que o oitavo rei trai sua consorte, a meretriz. “Os dez chifres que viste e a besta, esses odiarão a meretriz, e a farão devastada e despojada, e lhe comerão as carnes, e a consumirão no fogo” (Ap 17:16). Recapitulando essa cena, expandindo-a e apresentando-a sobre outro prisma, Apocalipse 19:20 diz: “Mas a besta [do mar, a meretriz] foi aprisionada, e com ela o falso profeta [besta da terra] [...] Os dois foram lançados vivos no lago que arde com enxofre.” O contexto de Apocalipse 19:20 é o banquete das aves, no qual Deus castiga os inimigos de Seu povo (19:17, 18).

Em Apocalipse 17:16 e 19:20 (e seu contexto imediato), encontramos os mesmos elementos para descrever a punição da besta / meretriz: um banquete e um incêndio. Esses elementos nos ajudam a perceber que a meretriz e a besta do mar simbolizam ambos uma entidade perseguidora de natureza essencialmente religiosa. Em Apocalipse 17:16, quem executa a punição da meretriz é o



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A SAGA DOS DIADEMAS PERDIDOS: UMA HISTÓRIA DE USURPAÇÃO, SOFRIMENTO E RECONQUISTA
Vinicius Mendes de Oliveira

próprio oitavo rei, sob a ordem divina (17:17); em Apocalipse 19:20, temos a mesma cena com outra perspectiva: Deus executa Seu juízo contra as bestas do mar e da terra. A autoridade divina é tanta que o próprio diabo cumpre Suas ordens judiciais. A meretriz / besta do mar é consumida no fogo na aparição do Noivo. O falso Cristo vai ter que esperar um milênio para receber seu pagamento final.

Em seu último e mais terrível engano, o oitavo rei, personificação diabólica no tempo do fim, se fazendo passar por Cristo, entregará sua principal aliada histórica, sua consorte, a meretriz, para a destruição (Ap 17:16; 19:19). O falso Cristo se aliará aos reis da terra e arregimentará a batalha final contra o povo de Deus. O objetivo desse combate é recuperar os diademas que a meretriz deixou escapar.

ONDE FORAM PARAR OS DIADEMAS?

Com perspectivas diferentes, os capítulos 17 e 19 retratam o Armagedom. Nessa batalha, o povo de Deus, representado por uma noiva, estará aparentemente sem esperança de livramento. Os poderes da Terra estarão congregados para lhe desferir o golpe fatal. O símbolo de um monstro terrível com sete cabeças e 10 chifres descreve um combate desproporcional entre uma fera sanguinária e uma delicada princesa vestida de noiva (Ap 19:7, 8).

A narrativa recebe uma reviravolta incrível. O texto de Apocalipse 19:11 revela que o Príncipe surgirá montado em um cavalo branco. Ele vem em defesa da bela princesa. Ele é “Fiel e verdadeiro”, e assim se diferencia ainda mais de Seu oponente, que é traíra e mentiroso. Enquanto o oitavo rei, símbolo do falso Cristo, abandona sua consorte, a meretriz, o Cristo de verdade protege Sua amada.

A batalha do Armagedom é também a história de um casamento e de uma traição. O monstro vermelho trai a bruxa meretriz, depois de um “casamento” milenar. Essa traição evoca Gênesis 3. No jardim / santuário edênico, a rainha verdadeira perdeu os diademas ao acreditar na mentira da serpente sagaz; milênios depois, no santuário / jardim celestial, a rainha meretriz perderá os diademas na sentença do Filho prometido.

Em outro plano, o Armagedom nos mostra um enlace eterno. O Príncipe coroado virá em defesa de Sua noiva pura e se casará com ela. A descrição do Cavaleiro real é apoteótica: “Os Seus olhos são chama de fogo; na Sua cabeça, há *muitos diademas* [gr. *diademata*] (Ap 19:12, itálico acrescentado). Os diademas perdidos finalmente são recuperados. Depois do juízo investigativo, eles passam a brilhar na cabeça do Noivo. Em Sua volta, Ele reconquista o planeta, pune os perseguidores milenares de Sua noiva e toma posse do reino perdido.

Explicando o papel central do juízo para a reconquista da autoridade planetária de Cristo, Apocalipse 19:1 a 10 apresenta um louvor celestial a Deus em consequência do grande e escatológico Dia da Expição: “Aleluia! A salvação, e a glória, e o poder são de nosso Deus, porquanto verdadeiros e justos são os *Seus juízos*, pois *julgou* a grande meretriz que corrompia a terra com a sua prostituição [...]. Então, ouvi uma como voz de numerosa multidão, como de muitas



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A SAGA DOS DIADEMAS PERDIDOS: UMA HISTÓRIA DE USURPAÇÃO, SOFRIMENTO E RECONQUISTA
Vinicius Mendes de Oliveira

águas e como fortes trovões, dizendo: Aleluia! Pois *reina* o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso” (Ap 19:1, 2, 6, *itálico acrescentado*).

As palavras em destaque revelam a relação entre o juízo e a retomada do domínio do mundo por Cristo. O toque da sétima trombeta, passagem paralela do Apocalipse para descrever, com símbolos diferentes, o desfecho do Armagedom também permite perceber a mesma ênfase: “O sétimo anjo tocou a trombeta, e houve no céu grandes vozes, dizendo: *O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do Seu Cristo, e Ele reinará pelos séculos dos séculos*” (Ap 11:15, *itálico acrescentado*).

CONSIDERAÇÕES

O reinado de Jesus pressupõe Sua coroação com os diademas de autoridade suprema. O juízo investigativo é o tribunal que, neste exato momento da história, processa esses fatos e encadeia o desfecho glorioso: a autoridade do Cristo, a qual Ele compartilhará com Sua linda esposa. A amada igreja pode descansar segura nas promessas de Deus. Os diademas usurpados ficarão por pouco tempo nos domínios satânicos. Logo o juízo vai terminar, e o reino de Deus será estabelecido.

A volta de Jesus revelará Sua coroação gloriosa e a legitimidade Dele para defender Seu povo. Esse dia está se aproximando. O juízo investigativo funciona como um noivado. As grandes perseguições que a igreja enfrentará serão uma espécie de “dia da noiva”. São nesses momentos que a fidelidade a embeleza e perfuma para a esperada cerimônia matrimonial (Ap 19:7, 8). O “viveram felizes para sempre” do Cordeiro e da noiva é o *the end* aguardado. E em breve você o verá estampado na última página dessa saga milenar.

REFERÊNCIAS

BAUCKHAM, R. **The Theology of the Book of Revelation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

BEALE, G. K. **Revelation: a Shorter Commentary**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2015.

COLLINS, A. Y. **Crisis & Catharsis: The Power of the Apocalypse**. Philadelphia: Westminster Press, 1984.

FARRER, A. **A Revirth of Images: the Making of St. John's Apocalypse**. Eugene, OR: Stock Publishers, 1963.

KOESTER, C. R. **Revelation and the End of All Things**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2001.

LADD, G. E. **A Commentary on the Revelation of John**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1972.

OSBORNE, G. **Revelation**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2002.

PAGELS, E. **Revelations: Vision, Prophecy, and Politics in the Book of Revelation**. Nova York: Penguin Books, 2012.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

A SAGA DOS DIADEMAS PERDIDOS: UMA HISTÓRIA DE USURPAÇÃO, SOFRIMENTO E RECONQUISTA
Vinicius Mendes de Oliveira

PAUL, I. **Revelation**. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2018.

RESSEGUIE, J. L. **A Narrative Commentary**. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2009.

STEFANOVIC, R. **Revelação de Jesus Cristo**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023.

WILCOCK, M. **The Message of Revelation: I Saw Heaven opened**. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2021.

WRIGHT, N. T. **Revelation for Everyone**. Louisville, KY: Westminster Press,